

MEIO AMBIENTE

Falta de arborização afeta cidades do DF

Especialistas destacam que entre as principais consequências estão o aumento da poluição do ar e de ruídos, a piora da umidade do ar e maximização do fenômeno das ilhas de calor. Novacap quer plantar 100 mil mudas até o fim do ano

» ARTHUR DE SOUZA
» CARLOS SILVA*

Com exceção do Plano Piloto, o Distrito Federal sofre os efeitos da falta de arborização urbana. De acordo com dados da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), existem cerca de 5,5 milhões de árvores no DF e a grande maioria está plantada no centro da cidade pelo fato dela ser planejada, segundo a empresa. Especialistas ouvidos pelo **Correio** apontam que entre as principais consequências da falta de verde nas regiões administrativas estão o aumento da poluição do ar e de ruídos, a piora da umidade do ar e a maximização do fenômeno das ilhas de calor.

A afirmação é ratificada pelo gestor, perito e auditor ambiental Paulo Gregório. De acordo com ele, como resultado da urbanização desenfreada, problemas no ambiente urbano se agravam à medida que as cidades se expandem. “Os problemas urbanos podem ser causados por múltiplos fatores, como expansão demográfica, uso inadequado e compactação, que podem alterar, por exemplo, a arborização, afetando inúmeros benefícios, como estabilidade climática, conforto térmico, melhoria da qualidade do ar e da saúde física/mental dos habitantes”, avalia.

Gregório comenta que a diminuição de áreas verdes no espaço urbano é um problema, visto que a presença de vegetação acarreta efeitos positivos aos locais onde está inserida. “As árvores auxiliam na redução da poluição do ar, de ruídos, melhoria da umidade do ar, minimizam o fenômeno das ilhas de calor e, além disso, contribuem para manutenção de ecossistemas frágeis”, avalia, apontando que isso também traz consequências para o solo. “A ausência de cobertura vegetal na cidade pode levar a processos erosivos, carreamento (empobrecimento) do solo, inundações, deslizamentos de terra e até a perda de recursos humanos e materiais” alerta o especialista.

Carência

Doutor em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), o ambientalista Christian Della Giustina também enaltece a importância da arborização urbana. “Do ponto de vista local, a arborização combate à formação das ilhas de calor, reduzindo consideravelmente as temperaturas na cidade. Além disso, embeleza o local de vida dos cidadãos e promove bem-estar social”, destaca.

Para ele, no caso de Brasília, cabe destacar que, quando a capital foi construída, o cerrado nativo foi substituído, em boa medida, por árvores de fora do nosso bioma. “Hoje, com a mudança de consciência e das políticas públicas em defesa do cerrado, as leis do Distrito Federal determinam a manutenção de áreas de cerrado nativo em novos projetos de expansão urbana”, comenta.

Ainda assim, o especialista lembra que grande parte da população vive em áreas irregulares, muitas vezes objeto de grilagem de terra. “Essas áreas ainda carecem de investimentos no sentido de receberem a arborização para que possam se tornar áreas com melhor qualidade de vida, com conforto térmico, convívio com a natureza e com beleza cênica”, constata o ambientalista.

Ed Alves/CB/DA.Press



Em Samambaia Sul, a 32km da Rodoviária do Plano Piloto, a paisagem não contempla o verde

Ed Alves/CB/DA.Press



A Asa Sul é um exemplo da disparidade que existe no DF, quando o assunto é arborização



Ed Alves/CB/DA.Press



Contraste

A aposentada Valdete Rollin, 86 anos, é uma das que nota os benefícios da arborização diariamente. Durante as caminhadas matinais na quadra 310 da Asa Sul, a idosa sempre para um minuto para admirar o belo painel de vegetação e uma palavra vem à mente: tranquilidade. “Acho fundamental. O clima fica bem mais ameno e conseguimos andar sem sentir calor. Além

disso, fico mais calma. Parece que o verde tranquiliza a gente”, relata.

Valdete, no entanto, chama a atenção para o corte excessivo de algumas árvores. Para a aposentada, o governo investe em obras de mobilidade, remove a vegetação para realizá-las, mas, às vezes, deixa a desejar na hora de plantar novas mudas. “Acredito que cortam muitas árvores para aumentar o fluxo de carros. O certo seria que, à medida que vão cortando, fossem



As árvores fazem muita falta, principalmente quando o tempo está seco. Sempre que vou passear com o cachorro, vejo alguém reclamando. É quase todo dia”

Brenda Viana,
auxiliar administrativa



Acredito que cortam muitas árvores para aumentar o fluxo de carros. O certo seria que, à medida que vão cortando, fossem plantando outras”

Valdete Rollin,
aposentada

plantando outras”, observa.

Só que, em outros locais, a falta de árvores traz, além de calor, frustração. É o caso da auxiliar administrativa Brenda Viana, 28, que enfrenta um verdadeiro clima de deserto em Samambaia Sul. “As árvores fazem muita falta, principalmente quando o tempo está seco”, reclama. Ela conta que há dias em que a combinação de falta de árvores e altas temperaturas é tão nociva, que dificulta até um breve

Palavra de especialista

O sonho do urbanista

Brasília, desde a concepção de Lucio Costa, é uma Cidade-Parque, ou seja, cidade arborizada e aberta, desimpedida para que todos — habitantes e visitantes — andemos com a liberdade que somente teríamos no campo (sem cercas e sem obstáculos). O sonho do urbanista até parece “pouco urbano”, se o comparamos com a realidade das demais grandes cidades brasileiras, tão áridas, tão congestionadas, quase totalmente pavimentadas e “cinzas”.

As “selvas de pedra” paulistas, cariocas, mineiras, etc. se tornam pesadelos de pura especulação e (quase) total desprezo pela qualidade de vida de seus moradores — que se reflete no modo como são governados e tributados, transportados, educados, cuidados em sua saúde física e mental, respeitados. O sonho do urbanista ainda é real naquele seu Plano Piloto e em alguns bairros elegantes, como os verdes Lagos (Sul e Norte) e novos setores (Sudoeste e Noroeste).

Mas deveria ser a característica obrigatória de todos as regiões do Distrito Federal.

Os princípios do urbanismo da cidade-parque ainda são recuperáveis e aplicáveis a todas as frações “cinzas” de nossos dignos bairros, afinal, Brasília tem uma fração que é Patrimônio Cultural da Humanidade, exatamente por ser uma cidade-parque. Essa grande distinção deve ser estendida a todas as frações urbanas da cidade.

Além disso, temos o imperativo da sanidade mental e física que é proporcionada pela amplitude das áreas verdes e livres, pelo crescimento da população de árvores — que deve ser centenas de vezes maior que o de seres que respiram oxigênio (não nos esqueçamos disso) e dos automóveis que também “respiram” (sem oxigênio, adeus motores a combustão). Todo apoio à luta por uma Brasília sã.

Frederico Flósculo Barreto,
professor de arquitetura e urbanismo da UnB

passeio com o irmão, de 9 anos. “Acaba que ele tem que ficar o tempo todo dentro do condomínio ou em alguma área coberta”, afirma.

Até mesmo os vizinhos de Brenda desabafam uns com os outros sobre a situação, não sendo raro ouvir comentários durante as conversas. “Sempre que vou passear com o cachorro, vejo alguém reclamando. É quase todo dia”, admite. A jovem avalia que falta ação do governo na região para resolver o problema. “Deveria haver mais projetos e iniciativas voltadas para a arborização, mas, principalmente, que elas saiam do papel”, apontou.

Segregação

Professor titular de urbanismo e planejamento urbano da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU/UnB), Benny Schvartsberg lembra que o Distrito Federal tem uma rica flora e vegetação, bem característica do bioma cerrado, que permaneceu quase inalterado até a década de 1950. “O Plano Piloto foi feliz em conceber uma cidade-parque de amplas áreas verdes criadoras de paisagem urbana propícia à arborização, que ameniza o período de seca, e encanta moradores e visitantes.”

Porém, o especialista aponta que o padrão de urbanização de regiões como o Plano Piloto, Parkway e os lagos Sul e Norte, contrasta ambientalmente com outras paisagens urbanas. “Os serviços públicos e a infraestrutura urbana são precários. Em extensas áreas urbanas, como na Esplanada, no Itapoã, no Arapoanga e em assentamentos como Doroty Stang e Miguel Lobato, raramente se encontra arborização mínima adequada”, lamenta. “Isso ocorre tanto nos espaços públicos quanto no interior dos lotes, tão pequenos que mal abrigam uma moradia digna para as famílias que ali vivem”, acrescenta Schvartsberg.

Segundo o urbanista, a desigualdade no Distrito Federal é

acompanhada de enorme segregação socioespacial entre moradores das regiões privilegiadas e aqueles das áreas desprovidas de mínimas qualidades urbanas. “Isso é visível na disponibilidade de arborização. É urgente expandir o conceito de cidade-parque e a tradição do departamento de parques e jardins para todas as regiões”, alerta. “O direito à farta e adequada arborização é inseparável do direito à cidade, não só para garantir qualidade de urbanística, como para oferecer saúde física, mental e bem-estar a toda a população”, complementa o professor da UnB.

O perito ambiental Paulo Gregório acrescenta a importância de se pensar os espaços na cidade aliado a questões ambientais. “A gestão pública e os setores responsáveis pela arborização urbana precisam demandar atenção especial para a necessidade de um bom planejamento, em que se considera a adaptação de espécies arbóreas nativas, inseridos no espaço urbano, a fim de mitigar os danos à urbanização e maximizar os benefícios da arborização urbana”, pontua Gregório.

Chefe do Departamento de Parques e Jardins da Novacap, Raimundo Silva conta que as necessidades de arborização e recomposição ambiental são mapeadas por técnicos do órgão. “Após o levantamento, é feita uma análise dos pontos sugeridos. Dessa forma, é elaborado um plano anual com os locais onde as plantas serão cultivadas”, salienta.

Trata-se do Plano Anual de Arborização e, de acordo com a Novacap, os plantios são realizados durante o período chuvoso, que compreende de outubro a abril e, portanto, é bienal. “Atualmente, no biênio 2022/2023 está previsto o plantio de 100 mil mudas, das quais, até abril deste ano, foram plantadas 60 mil”, detalha a companhia.

*Estagiário sob a supervisão de Suzano Almeida